

(Continuação da 1.ª pág.)

Vejamos, antes de tudo, as afirmações facilmente verificáveis:

«Pode o articulista torcer a verdade, como já aconteceu no relato de uma conferência pública...», insinua o tal senhor a meu respeito.

A conferência é certamente a que o sr. dr. Couto fez no seu Museu, e que aqui comentei no meu último artigo.

O relato a que se refere dá a visão de alguém que a ela assistiu, o bem conhecido jornalista José de Freitas. Eu apenas o li já em letra de forma.

A insinuação malévola cai, pois, pela base, o que é tanto mais lamentável quanto é certo que o furibundo articulista tinha maneira fácil de se certificar, perguntando-o, para a redacção deste jornal, à pessoa a quem pediu se suspendesse a publicação de uma carta sua, em que insistia mais uma vez na disparatada teima acerca das armas do Infante D. Henrique, na «Crónica da Guiné».

*

«Em que termos se poderia fundamentar a atribuição dos Painéis... a este outro pintor Vasco Fernandes?» — pergunta o articulista, que se perde em considerações especiosas a que faremos algumas objecções mais adiante.

Para já e encurtando razões respondendo: Pela revelação da sua irrecusável assinatura, a que o articulista chama «fantasias secundárias» e «pretendidas assinaturas».

À competência que se arroga de «especialista qualificado», oporei a visão clara de quem pode considerá-la sem preconceitos, que cegam até os que têm melhor vista.

A miserável «sigla» Gv timidamente pincelada numa prega da bota do Infante D. Pedro parece-lhe boa

AS ÓPERAS MAIS REPRESENTADAS NA ALEMANHA

DEPREENDE-SE de uma estatística da temporada de 1960/61 nos teatros de ópera da Alemanha, que as óperas de Verdi foram mais frequentemente interpretadas. Nada menos de 134 teatros de ópera levaram a cena 2146 vezes uma ópera de Verdi. Figura em segundo lugar Mozart com 1900 representações em 138 teatros, seguido de Wagner, Puccini e Lortzing. Realizaram-se 456 representações de óperas de Richard Strauss em 75 teatros. Cumpre salientar que óperas dos compositores modernos Hindemith, Orff, Egk, Blacher e Schönberg atingiram entre 50 e 100 representações. No domínio da opereta Johann Strauss continua em evidência com cerca de 2000 representações. O seu «Moretto» atingiu com 625 representações em trinta teatros — a mais elevada cifra da temporada.

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANS-
PORTADO PARA TODO O MUNDO
NOS AVIÕES DA «P. A. A.»

O PROBLEMA DOS PAINÉIS

para identificar Nuno Gonçalves. Esta outra, bem mais explícita e concludente, é para o obstinado «especialista» uma fantasia secundária!

Quando com tal petulância se nega o valor do que é evidente — mas que ele não vira — define-se assim uma atitude de negativa sistemática, que me absteino de qualificar melhor.

*

«Diz-se que encontrou em Espanha uma pintura assinada Vasco Fernandes, do século XV», — prossegue o articulista, que me acusa de a não ter reproduzido inteira nem de a referenciar devidamente — para que ele a pudesse comparar.

Eu disse mais. Disse que não era a única obra do pintor por mim indentificada na região levantina. E apenas reproduzi o pormenor com a sua indiscutível assinatura, no mosaico, para exemplificar a maneira dissimulada como o artista procedia.

Não lhe farei a vontade, reproduzindo aqui toda a tábuca, por diferentes e poderosas razões. Primeiro, não pretendi com o meu artigo revelar do nome do pintor senão isso mesmo e só isso. Era o que poderia caber num artigo de jornal, mesmo assim assaz longo.

Depois, a tábuca em questão está muito arruinada. Apresentei a fotografia, com muitas outras que trouxe de Espanha, a várias personalidades, das quais o ministro da Educação, o secretário do Instituto de Alta Cultura e o próprio director do Museu de Arte Antiga. Não fiz pois mistério nem segredo, senão para o articulista.

Ora a tábuca está sendo estudada, bem como outras do mesmo autor por mim desencantadas, por historiadores de arte do vizinho país, e eu aguardo ainda o resultado dos seus trabalhos para os integrar num esquema da evolução das formas desse pintor complexo e até aparentemente contraditório, pois desde já parece que ele, para em Roma ser romano, na Catalunha sacrificou ao gosto catalão.

É preciso conhecer com certa profundidade os muitos problemas de estilo e de influências que se debatem além fronteiras, sempre interpretando documentos.

Entre nós, há quem se contente com a obscuridade de um tabu extra-europeu e se arrepele de o perder.

Nega-se a possibilidade de ver nos painéis de Lame-

go uma forma evoluída do autor do Políptico, para defender uma absurda identificação de formas entre o retábulo de Lamego e as catorze pinturas do retábulo da Sé de Viseu — sem falar de outras, igualmente dispareas.

Assim se arriscam a desqualificar-se as competências tão facilmente qualificadas entre nós.

*

Quanto às divagações que o articulista faz para invalidar um testemunho datado e feito perante notário, o da bisneta do pintor Vasco Fernandes, que assim se prova viver em Viseu no ano preciso de 1463, em assunto que, precisamente por ser estranho ao problema da pintura, traz uma prova incontestavelmente válida da sua existência nessa época, vejamos:

Que contas deita para referir esse testemunho de uma bisneta que já não tem mãe, em 1618, ao Vasco Fernandes do século XVI, ou melhor ao 2.º Vasco Fernandes, pois o primeiro vivia ainda nos princípios desse século?

A sua ignorância a respeito do autor do manuscrito de Braga é total. Supõe que o seu autor, Mestre Jorge de Sam Paulo, o escreveu por 1618, quando ele está datado de 1658 — é o seu último trabalho conhecido e morreu velho pouco depois.

Supõe que ele é um dos crédulos cronistas fradescos «que não curam de incompatibilidades cronológicas» e que portanto o «seu testemunho é nulo», quando a verdade é que bom loio escreveu perante documentação original e testemunhos coevos que transcreve, desde o século XV, como o de Paulo de Portalegre, e outros que citei, até à sua época, com uma minúcia de factos e precisão de datas

CRÓNICA MUSICAL

(Continuação da 1.ª pág.)
cidade como pessoa e na música que fazia.

Autor de famosas pequenas peças como Liebsleid e Caprice viennois, Kreisler não gostava de estudar, talvez porque o trabalho intenso tirava a imaginação tão necessária à interpretação das obras musicais.

O que é certo é que nenhum ser mortal chegou tão perto da perfeição como este músico tão extraordinário e ao mesmo tempo tão simples.

que o tornam a todos os títulos uma fonte de informação fidedigna no mais alto grau.

Assim é considerada a sua história do «Hospital de Caldas da Rainha» publicada pelo dr. Fernando Correia e este manuscrito de Braga, que compendia seis copiosos volumes infelizmente perdidos, sobre os conventos de Vilar de Frades, Santo Elói de Lisboa e Porto e Vila da Feira, em que consumiu uma vida inteira a documentar-se nas fontes originais e de que o manuscrito de Braga é apenas um resumo.

«Se não fora a sua curiosidade e desvelo, entendo que nem eu nem outro algum poderia jamais sair a público com a Crónica» da Congregação — diz o autor de «O Céu aberto na Terra».

«Da obra dos três primeiros (autores citados por Jorge de S. Paulo) isto é, dos textos autênticos pouco ou quase nada está identificado. Guardam por certo os arquivos nacionais a este respeito muitas surpresas» — escreve o prof. Fernando Magano num breve estudo recente sobre o manuscrito de Jorge de S. Paulo (Studium Generale, 1956).

Não reparou, porém, o agastado articulista que as identificações de Botelho Pereira e outros, acerca das obras de Viseu, datam também de 1630, 1710, etc., e essas, sim, representam apenas uma tradição já confusa, que foi aceita levianamente como referida ao 2.º Vasco Fernandes documentado por Maximiano de Aragão.

Para quem aceita como bom um papel falso como Judas — o suposto documento de um notário público que nunca existiu, e que aliás nada prova do que se pretendeu, é mais uma afirmação da sua inquestionável competência, do que vale o «imperativo metodológico» da História de Arte como ele pode entendê-la.

Di-me de lo que presumes, te diré lo que te falta — sentença um rifão castelhano.

*

Comecei este artigo — e assim o intitulei — com a intenção de mostrar, mais uma vez, a impossibilidade de terem razão os vicentistas. Mas já enchi bastantes folhas, a rebater as últimas infantilidades sem valor e parece-me já ocioso repetir e insistir no que está dito e que o leitor pode ler, se lhe interessa o assunto, nos

meus precedentes artigos: o valor negativo das «provas» aduzidas por José de Figueiredo e os seus sequazes.

Não terminarei, porém, sem acentuar dois pontos.

O articulista furibundo aparece agora mais vicentista do que nunca, sem dar novas razões dos seus progressos regressivos. No seu «Nuno Gonçalves», da colecção «Saber», o Políptico é dado como: Painéis da Veneração a uma Figura Santificada, e não como S. Vicente (pág. 120). No artigo aqui ligeiramente comentado, o mesmo di-lo de S. Vicente, sem qualquer restrição.

No citado trabalho, a pág. 38, lê-se: Iconograficamente, é um mistério completo, sem par entre nós... e mais adiante: «Nós é que ignoramos a chave interpretativa, que nos dê a leitura fácil e convincente dessa magna representação humana», etc.; pelo que os leitores da colecção «Saber» ficaram sem saber nada do essencial.

Num próximo artigo (que este já vai longo) apreciaremos as determinantes aparentes desta mudança de atitude de alguns vicentistas, empenhados na sobrevivência do erro.

E agora, para ressuscitar o verdadeiro Nuno Gonçalves — pintor que existiu de facto, mas que não pode ser o autor da obra assinada por Vasco Fernandes — quero lembrar aos que tão infundada e acerbamente cultivam a memória do seu nome, que deve existir algures aquele «Cristo atado à coluna que os judeus estão açoitando», vindo após 1834 do Convento do Carmo para o depósito de S. Francisco.

Essa pintura é que pode dar a base de identificação do estilo de Nuno Gonçalves, pois Francisco de Holanda, que a viu, a aproxima da obra desaparecida do altar de S. Vicente da Sé.

Na Academia de Belas-Artes devem encontrar os imortais vicentistas a documentação necessária para lhe seguirem a pista, vedada na nossa terra aos simples mortais.

Lisboa, 12 de Março

JOSÉ DE BRAGANÇA

*

N. da R. — As cartas dos srs. Mário de Sampaio Ribeiro e Luis Vaz Coelho, que recebemos após a conferência do sr. dr. João Couto, parecem-nos agora, depois dos dois últimos artigos do nosso colaborador José de Bragança, não interessarem já ao esclarecimento do problema em causa.

A do sr. Sampaio Ribeiro lembrava uma conferência do falecido dr. Caetano de Oliveira, feita em 1935, na Associação dos Arqueólogos. Tentou-se ali identificar o autor dos Painéis com o pintor flamengo Van der Goes — fora de todas as coordenadas do problema.

A do sr. Vaz Coelho não concordava com o critério do nosso relato da conferência do director do Museu: é uma opinião pessoal, respeitável.